

“Sérgio Macaco” assume

Com as vagas deixadas na Câmara por parlamentares eleitos em 25 prefeituras ingressa no cenário político o capitão reformado da Aeronáutica, Sérgio Miranda de Carvalho, que, em 1968, denunciou uma ação militar de extermínio dos opositores ao regime militar que culminaria na explosão de um gasômetro no Centro do Rio de Janeiro, provocando a morte de 100 mil pessoas. O plano, de autoria do brigadeiro João Paulo Burnier, objetivava qualificar esse atentado à esquerda e incluía o seqüestro de 40 líderes políticos que seriam lançados no oceano de avião. Encabeçavam a lista de Burnier, Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros, D. Hélder Câmara e o general Olympio Mourão Filho.

A época da denúncia Sérgio Miranda — conhecido por “Sér-

gio Macaco” — era integrante da Para-Sar, uma unidade de pára-quedistas especializada em socorro e salvamento principalmente nas selvas. Quando o brigadeiro Burnier insistiu na incorporação do Para-Sar à força policial repressora, Sérgio Miranda reagiu e o plano foi denunciado da tribuna da Câmara dos deputados por Maurílio Ferreira Lima, hoje do PMDB pernambucano. Ficou conhecido, através da imprensa como o “Caso Para-Sar”. Sérgio Miranda foi punido com uma transferência para Recife. Julgado e absolvido pelo Superior Tribunal Militar foi reformado em 1969 pela Junta Militar. Em 1986, disputou uma vaga como deputado constituinte e volta agora na vaga deixada pelo deputado Roberto D’Avilha (PDT-RJ).